

SIGNIFICADO NO PENSAMENTO LINGÜÍSTICO

Carla Martins

Doutoranda em Lingüística - Fac. de Letras/UFRJ

Fundação Oswaldo Cruz

ABSTRACT:

This paper discusses the concept of 'meaning' in Linguistics, pointing out the theoretical limits faced by contemporary semantics and pragmatics, concerning the relation between language and context. The aim of the paper is to argue that one approach of american discourse analysis - Bateson's, Goffman's and Gumperz's interactional sociolinguistics - can contribute to the discussion of the relationship mentioned.

Introdução

Parece óbvio que a Lingüística - disciplina que estuda um dos instrumentos centrais da comunicação humana - devesse ter como um de seus objetos privilegiados os mecanismos aplicados pelos falantes para construir e decodificar os sinais lingüísticos. Os estudos, no entanto, a respeito do significado, neste século, têm ocupado um papel marginal na ciência lingüística. Tal condição tem como origem diversos fatores, dentre os quais podemos destacar o pouco interesse pelas questões semânticas demonstrado pelos dois paradigmas dominantes neste século, o estruturalismo e o gerativismo (Marques, 1990).

Apesar deste quadro histórico, as teorias lingüísticas vêm colocando a discussão do 'significado' como um problema relevante, dando à semântica e à pragmática papel de destaque. Mesmo na teorias da gramática, como o gerativismo, observaram-se os limites de investigar aquele aparato sem relacioná-lo a processos semânticos. Se a gramática pode ser definida como os mecanismos de que os indivíduos fazem

uso para criar um número infinito de sentenças dotadas de sentido e a semântica é o campo que estuda os mecanismos que tornam possível interpretar e produzir o sentido das sentenças, a correlação entre os dois campos de estudos vem sendo considerada de fundamental importância para a compreensão dos fenômenos da língua (Lyons, 1981; Goddard, 1998).

Neste panorama de recuperação do interesse da lingüística pelo significado, é necessário analisarmos a configuração atual de dois campos de estudo: a semântica e a pragmática.

Em função do caminho histórico percorrido pela lingüística, a semântica encontra-se hoje em uma "crise de identidade". Esta crise se identifica em dois fatos: a semântica não desenvolveu, ao contrário da morfossintaxe e da fonologia, princípios teóricos e metodológicos formais e não foi plenamente incorporada como um campo de conhecimento da lingüística. Segundo Ilari e Gerdaldi (1985), a semântica não atende aos requisitos que definem um campo de investigação como científico, pois não se configura como um domínio definido, e não apresenta métodos de análise validados e categorias articuladas. Em suma, a semântica não definiu seus problemas centrais.

Podemos afirmar que a pragmática se encontra em impasse semelhante ao da semântica no que diz respeito à dificuldade de se constituir como um campo científico. A pragmática tem sido considerada a "lata de lixo da lingüística", pois, apesar de ser hoje séria e intensamente investigada, "ainda parece mais um amontoado heterogêneo de dados, problemas e pontos de vista do que um domínio teórico bem definido" (Dascal, 1980: 8).

Portanto, dado o caráter periférico ocupado pela semântica e pragmática nos estudos lingüísticos neste século, ambos os campos passam por um processo de afirmação como ciência, do que se deduz que inexiste, na lingüística, uma teoria do significado.

Um dos passos mais relevantes na constituição desta teoria seria a investigação da relação entre língua e contexto, que se traduz na definição de significado literal e não-literal. A pragmática tem tratado desta relação, apontando ora os riscos de um 'não-literalismo' ou 'contextualismo' exarcebado (Dascal, 1987), ora a dificuldade de estabelecer a distinção entre estas duas dimensões do significado (Alwood, 1981). Contudo, apesar destes esforços, a lingüística ainda não construiu um modelo explicativo da relação entre língua e contexto.

Tal relação vem ainda sendo foco de consideração de linhas de análise do discurso de natureza antropológica e sociológica, como a etnografia da comunicação, a análise da conversa e a sociolingüística interacional, que colocam como questão básica a definição do significado sociocultural.

Dentre estas tradições, destacamos a sociolingüística interacional, que focaliza os significados sociais e lingüísticos criados durante a interação verbal, diferenciando-se das teorias pragmáticas, por ampliar o escopo das interpretações e de sinais verbais e não verbais analisados.

O presente artigo tem como objetivo apontar as contribuições da sociolingüística interacional para a discussão de impasses hoje considerados relevantes pelas análises do significado lingüístico. Tais impasses podem ser resumidos em dois pontos: a definição do conceito de 'significado' e a construção de uma teoria que identifique e articule os fatores lingüísticos, sociais e cognitivos que estariam na base do mesmo.

Na primeira seção, o texto traça um breve panorama do tratamento dado pela semântica e pela pragmática à relação entre texto e contexto. O objetivo desta seção é apontar que a abordagem restrita do conceito de contexto por estes dois campos coloca limites à constituição de uma teoria do significado lingüístico.

A segunda seção discute o conceito de significado na sociolingüística interacional, a partir das obras de Goffman, Gumperz e Bateson, enfatizando a relação entre texto e contexto proposta por esta linha.

Por fim, nas considerações finais, destacamos que a análise do significado proposta pela sociolingüística interacional, ao buscar desenvolver uma teoria do contexto, pode contribuir na elaboração de uma teoria do significado na Lingüística.

A relação entre texto e contexto nas teorias semânticas e pragmáticas

Segundo Marques (*op. cit.*: 15), a semântica tem por objeto "o estudo do significado (sentido, significação) das formas lingüísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, textos etc., suas categorias e funções na linguagem".

A constituição do campo da semântica tem-se dado, dentro da teoria da gramática, na perspectiva da exclusão do contexto como categoria pertinente ao estudo do significado. Assim, Katz e Fodor (1977: 90, *apud* Marques, *op. cit.*) defendem a prioridade de uma teoria interpretativa independente do efeito seletivo do contexto. A não sinonímia entre o significado literal e o contextual se resolveria nos seguintes termos: os falantes atribuem à sentença contextualizada uma das interpretações que esta apresenta isolada.

A perspectiva de definir a semântica como um estudo da competência gramatical do falante tem-se concretizado de diferentes formas. Os estudos semânticos têm-se restringido à análise do significado cognitivo e dos fenômenos vinculados à sentença, excluindo, portanto, o valor sociocultural dos signos e as relações de significado estabelecidas em textos. A semântica tem-se furtado ainda a considerar

os chamados "usos desviantes e figurados", como a metáfora. Em suma, a semântica tem marcado sua posição em desconsiderar as noções de "texto" e "contexto".

Neste programa teórico, segundo Katz (1982; *apud* Marques, *op. cit.*), a semântica deveria focar fenômenos como a sinonímia (*pé de maçã/macieira*), a similaridade (a base de significado comum - 'fêmea' - de *tia, vaca, freira, irmã, mulher, égua, atriz*), a antonímia (*sussurar/gritar*), a hiperonímia (*polegar/dedo*) e hiponímia (*humano/menino*), a anomalia (*sabão mal cheiroso; cócega mal cheirosa*), a ambigüidade (lexical: *botão*; sentencial: *tome seu café*), a redudância (*um nu despido*), a verdade metalingüística (*bebês não são adultos*), a contradição (*bebês são adultos*), a indeterminação de condição de verdade (*bebês são espertos*), a inconsistência semântica (*João está vivo e morto*), a implicação semântica (*o carro é vermelho/o carro é colorido*), o valor de verdade da pressuposição (*Onde está a chave?* supõe como verdadeira *A chave está em algum lugar*), a compatibilidade (*Quando João chegou? João chegou ontem*), e a implicação (*Qual a cor do carro vermelho?*).

Colocado este quadro, é relevante questionar em que medida uma semântica desta natureza pode tratar dos problemas relativos ao significado. As relações de significado nos fenômenos acima aventados só podem ser discutidos em função de fatores não-lingüísticos: a produção de uma sentença como "Mulheres são mulheres" (Grice, 1975) só pode ser analisada se considerarmos o contexto.

Mesmo se desconsiderarmos os fenômenos complexos acima apontados, observamos que até o simples valor de verdade de uma sentença como "eu estou com fome" é dependente de fatores contextuais, dentre os quais podemos destacar a dêixis (Lyons, 1979), base da identificação do referente do pronome "eu" e, portanto, da definição do valor de verdade da sentença.

Assim, a desconsideração das noções de 'texto' e 'contexto' coloca para a semântica limites para a análise dos fenômenos definidos como fundamentais por este próprio campo. Em especial, fenômenos como a verdade metalingüística, a ambigüidade e a compatibilidade sentencial só podem ser tratados de forma aprofundada em uma teoria que considere o contexto.

A pragmática emerge como um campo da lingüística que busca superar alguns desses impasses da semântica, investigando os fenômenos de significado nos quais é fundamental a consideração do contexto. A pragmática se configura, assim, como "o estudo das relações entre língua e contexto básicas à análise do processo de compreensão da língua" (Levinson, 1983: 21).

Dentro da tradição de estudos pragmáticos, destacamos, para fins de análise, os trabalhos de Grice e de Searle. Vejamos, portanto, o tratamento da noção de contexto em cada um destes autores.

Grice estabelece uma distinção entre dois tipos de significado, o significado do falante - de caráter pragmático - e o significado convencional - de natureza semântica. Na proposta de Grice, o primeiro está relativamente desvinculado do segundo, ou seja, o que o falante intenciona comunicar não está necessariamente relacionado com o significado convencional (Grice, 1957, *apud* Schiffrin, 1994). O significado do falante, não estando subordinado ao código, pode ser inferido por processos bastante diferentes da decodificação gramatical e lexical.

É central na obra de Grice o conceito de 'implicatura': uma inferência sobre a intenção do falante que resulta do uso de significados semânticos e princípios conversacionais. Grice enfoca exatamente as implicaturas do tipo conversacional: as inferências não convencionais que não estão marcadas discursivamente por conectivos como "portanto", sendo fruto da capacidade racional dos falantes (Grice, 1980).

A base que possibilita a formulação das implicaturas pelo ouvinte é o "princípio da cooperação": "faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado" (Grice, *op. cit.*, 86). Sustentado por este princípio, Grice estabelece ainda uma lista de máximas conversacionais: quantidade (*seja informativo como requerido*), qualidade (*não diga o que você acredita ser falso e não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada*), relação (*seja relevante*) e modo (*seja claro*) (Grice, *op. cit.*, 86-7).

As implicaturas se baseiam na crença compartilhada por falantes e ouvintes de que estas máximas não são, em geral, burladas durante a conversa. Por exemplo, um diálogo do tipo (Grice, *op. cit.*, 93):

A - *Estou sem gasolina.*

B - *Há um posto na próxima esquina.*

é coerente, na medida em que A não interpretaria que B estaria infringindo a máxima da relação e, portanto, este intencionou comunicar que o posto pode estar aberto, vendendo gasolina.

Caso as máximas sejam burladas, este fato é significativo, produzindo também uma implicatura. A burla das máximas na verdade mostra que estas são efetivamente operacionais. Assim, uma sentença como "Você é o açúcar do meu café", que contém uma falsidade categorial, quebraria a máxima da qualidade. Esta quebra implica na interpretação pelo ouvinte de que o propósito do falante não é definir o referente "você" nos termos da sentença, e sim remeter a outro significado (metafórico) (Grice, *op. cit.*)

Já apontamos anteriormente que Grice afirma que o significado do falante constitui uma categoria independente do significado literal da sentença. No entanto, uma leitura de sua obra nos aponta que este autor defende que o significado literal

não deve ser descartado na análise das implicaturas. Ao discutir os fatores com os quais o ouvinte opera para inferir, Grice coloca em primeiro lugar exatamente o significado literal (ou 'convencional'):

Para deduzir que uma implicatura conversacional determinada se faz presente, o ouvinte operará com os seguintes dados: (1) o significado convencional das palavras usadas, juntamente com a identidade de quaisquer referentes pertinentes; (2) o princípio da cooperação e suas máximas; (3) o contexto, lingüístico ou extralingüístico, da enunciação; (4) outros itens de seu conhecimento anterior; e (5) o fato (ou fato suposto) de que todos os itens relevantes cobertos por (1) - (4) são acessíveis a ambos os participantes e ambos sabem ou supõem que isto ocorra. (Grice, op. cit.: 93)

Contudo, apesar de considerar o significado convencional como componente da implicatura, confirmado no trecho destacado acima, Grice não discute como este tipo de significado seria operado. Podemos supor que a implicatura produzida pela sentença "Você é o açúcar do meu café" só se explica pela consideração de propriedades semânticas de "humano" no item lexical "você"; no entanto, esta análise não é encontrada explicitamente na obra de Grice.

Além da não definição da relação entre contexto e significado literal, outro limite na pragmática griceana é o não tratamento da própria noção de contexto. Embora Grice se refira aos contextos "extralingüísticos" e ao conhecimento de mundo dos falantes, respectivamente nos itens (3) e (4) do trecho destacado, ele não oferece elementos para analisá-los.

Esta limitação é assumida pelo próprio autor ao apontar que não foram tratadas por ele

"questões a propósito de que tipos de focos de relevância podem existir, como se modificam no curso da conversação, como dar conta do fato de que os assuntos da conversação são legitimamente mudados, e assim por diante. Considero o tratamento de tais questões excessivamente difícil e espero retornar a elas em um trabalho posterior." (Grice, op. cit: 87)

Conforme apontaremos a seguir, a teoria de Searle (1969; 1995), de importância semelhante à de Grice nos estudos pragmáticos, também carece de uma análise mais aprofundada do contexto enunciativo. Passemos, portanto, a uma breve exposição dos pressupostos deste estudioso.

A teoria de Searle propõe o ato de fala como a unidade básica da comunicação. O objetivo final é estabelecer uma teoria geral do significado, identificando de quantas formas diferentes a língua pode ser usada.

Uma questão básica consiste em explorar as relações entre o significado literal da sentença e o significado da emissão do falante, já que uma mesma emissão pode desempenhar diferentes atos de fala. Para identificar e distinguir tais atos, Searle propõe doze aspectos, dentre os quais destacamos o propósito do ato, o *status* do falante e do ouvinte, as relações com o resto do discurso, e o conteúdo proposicional.

28 A partir destas considerações, o autor estabelece cinco tipos de atos de fala diretos (assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos) e suas respectivas estruturas sintáticas.

Nos atos de fala diretos, portanto, não há tensão entre significado literal e não literal, sendo o primeiro um dos aspectos que define o significado comunicativo do enunciado.

Mais complexos são os atos de fala indiretos, isto é, aqueles em que a significação da emissão do falante e a significação da sentença divergem. Um ato de fala indireto é, portanto, um ato ilocucionário realizado indiretamente através da realização de um outro, como no enunciado "Você quer abrir a porta?". Neste, o propósito do falante não é requerer uma informação do ouvinte e sim criar no mesmo um efeito que o leve a executar a ação em questão.

Searle levanta quatro aspectos para a análise dos atos de fala indiretos:

"Para ser mais específico, o aparato necessário para explicar a parte indireta dos atos de fala indiretos inclui uma teoria dos atos de fala, alguns princípios gerais de conversação cooperativa (alguns dos quais foram discutidos por Grice (1975)) e a informação factual prévia compartilhada pelo falante e pelo ouvinte, além da habilidade para o ouvinte fazer inferências." (Searle, 1995: 50)

Searle compreende a habilidade para fazer inferências como uma estratégia que consiste em estabelecer, primeiramente, que o propósito ilocucionário primário diverge do literal e, em segundo lugar, qual seja o propósito ilocucionário primário.

Em resumo, podemos afirmar que Searle não fornece elementos para a construção de uma teoria a respeito do contexto. Não está definido na obra deste autor como o ouvinte toma a decisão que "o propósito ilocucionário primário diverge do literal" e como a "informação prévia factual" atua na definição do ato de fala em questão. Em suma, não está claro como se operacionalizam as habilidades do falante para inferir.

Assim, nas tradições de Grice e Searle, podemos afirmar que a pragmática, embora incorpore a noção de intenção do falante, não explora plenamente a relação entre língua e contexto, o que coloca limites à identificação do significado lingüístico.

Entre os elementos que compõem a habilidade de inferir, destacamos o contexto sociocultural da interação, que contribui na definição de como devem ser interpretados os enunciados. Assim, o significado dos enunciados é construído a partir da estrutura de expectativas sobre a natureza do evento social do qual tais enunciados fazem parte e, concomitantemente, para o qual os mesmos contribuem. Um ato pode ser identificado como uma asserção ou uma crítica, dependendo do evento em questão, que define o papel social dos interactantes, e de pistas contextuais, como a entoação.

Na seção a seguir, discutimos a sociolingüística interacional, buscando identificar, nesta linha de análise, os elementos contextuais que podem servir de matéria-prima para elaboração de uma teoria do significado com o enfoque na língua em comunicação.

O significado na sociolingüística interacional¹ :

A sociolingüística interacional coloca como foco central de análise o conhecimento sociocultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face e que estão na base das interpretações da situação comunicativa, dos papéis desempenhados e dos enunciados produzidos pelos participantes.

A questão básica desta linha de análise sociolingüística é, portanto, o quão bem sucedida é a comunicação e como este sucesso está relacionado ao conhecimento sociolingüístico. Assim, são focos centrais da sociolingüística interacional a forma como os membros de uma comunidade identificam os eventos de fala, como o *input* social varia no curso da interação e como o conhecimento social produz a interpretação das mensagens. O significado é, portanto, construído por um processo complexo de sinais lingüísticos e não lingüísticos ancorados no contexto.

É central à discussão do contexto, na sociolingüística interacional, o conceito de 'enquadre': o conhecimento sociocultural-cognitivo que está na base das interpretações a respeito dos enunciados.

Partindo do princípio de que a comunicação verbal humana opera em diferentes níveis de abstração, Bateson (1972) demonstrou que qualquer instância comunicativa só pode ser entendida à luz de uma "metamensagem" sobre como categorizar e interpretar tal instância e as ações componentes da mesma. A esta metamensagem, Bateson denominou "enquadre" ("frame"). O enquadre define o conjunto de mensagens incluídas no mesmo e fornece instruções ao receptor sobre como entendê-las.

Ainda segundo Bateson (*op. cit.*), os enquadres, embora tomem como referência uma realidade mais concreta e mais básica, não representam aquilo que seria representado por tal realidade. Tomando como exemplo o enquadre "brincadeira", o estudioso observa que "a dentada [de brincadeira] refere-se à mordida, mas não representa aquilo que seria representado pela mesma" (p. 180).

Neste sentido, Bateson (*op. cit.*) conclui que a discriminação entre "mapa" - a língua - e "território" - os objetos denotados pela língua - é sempre passível de anular-se, pois os golpes usados na brincadeira podem ser confundidos com os golpes usados no combate. O caráter dinâmico e complexo dos enquadres está, portanto, no fato de que nestes o "mapa" e o "território" são simultaneamente neutralizados e discriminados.

1. Segundo Figueroa (1984), a sociolingüística interacional de Gumperz tem sua base na sociologia interacional (Goffman), na análise da conversa (Garfinkel e os etnometodólogos), na pragmática (Austin), na etnografia da comunicação (Hymes) e na Escola de Londres (Firth e Halliday). Já Schiffrin (1994), embora considere a sociolingüística interacional um campo de investigação posterior aos citados e que, portanto, os resgata, destaca como pilares Gumperz e Goffman (que, por sua vez, tem como uma de suas fontes o interacionismo simbólico de Bateson). No presente trabalho, destacaremos apenas os pressupostos teóricos de Gumperz, Goffman e Bateson. A razão para este recorte está na centralidade dos trabalhos destes estudiosos na configuração da sociolingüística interacional como um campo de investigação específico.

Na mesma linha de Bateson (*op. cit.*), Goffman (1974:10) afirma que o significado das ações sociais é definido em função de princípios - os frames - que governam e organizam os eventos sociais. Assim, Goffman aponta como um objeto básico das análises sociointeracionais os enquadres e as "vulnerabilidades" às quais esses estão sujeitos. Por "vulnerabilidades", o autor compreende questões teóricas relativas à complexidade de organização dos enquadres em interações espontâneas, tais como "onde termina e começa um enquadre?"; "o enquadre em foco é o mesmo para todos os participantes envolvidos?"; e "que enquadres estão em disputa?".

Para analisar a contribuição de Goffman ao estudo do significado, portanto, o que merece destaque é seu interesse nas fronteiras entre os enquadres. Aproximando as preocupações de Goffman com a produção das interações verbais, a questão central que se coloca, portanto, não é onde está o significado básico ou qual é o significado básico dos enunciados produzidos na interação, mas como estes significados - muitas vezes em conflito - são produzidos.

Goffman (1981) retoma a noção de "enquadre" como um objeto central à análise sociointeracional do discurso, redimensionando-a a partir do conceito de *footing*. Goffman destaca, mais uma vez, o caráter dinâmico da organização da interação, ao observar que a estrutura desta pode ser definida como uma sucessão não linear de *footings*.

O conceito dá ênfase ao fato de que os participantes, ao estruturarem os eventos dentro de determinado enquadre, negociam relações interpessoais, assumindo uma determinada postura naquela unidade interacional. As mudanças na estrutura de participação - ouvintes e falantes - e no formato de produção - satírico ou respeitoso, presente ou futuro, direto ou modalizado - constituem, portanto, a base estrutural da mudança de *footing*.

Segundo Goffman (*op. cit.*), são marcas da mudança de *footing* as mudanças de tom, de volume, de ritmo, de intensidade, da identidade social das pessoas envolvidas, dos recipientes, da forma de se dirigir e selecionar outro participante, da postura corporal e do código. O estudioso lembra a necessidade de aprofundar os estudos dos processos lingüísticos de produção do fenômeno do *footing*, ultrapassando, desta forma, as descrições puramente sociológicas das relações entre os participantes, tais como "status social" e "sexo".

Gumperz (1982) toma como base dos estudos sociointeracionais o conceito de "atividade de fala" (*speech activity*) e as "pistas de contextualização" (*contextualization cues*). Gumperz define "atividade de fala" como a unidade básica da interação, socialmente significativa, em termos da qual o significado é avaliado. As "pistas de contextualização" constituem qualquer traço lingüístico, paralingüístico e não-verbal que contribuam para a sinalização de pressuposições contextuais.

De maneira semelhante a Bateson e Goffman (*op. cit.*), Gumperz enfoca a conversa não como um evento coeso, mas como uma sucessão de atividades contextualizadas ou "enquadradas". Uma forma de sinalizar a mudança de enquadre é o "code switching" (Gumperz, 1982: 59): "a justaposição de passagens de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos".

Para Gumperz, o significado social é negociado a partir do relevo dado pelos participantes a aspectos presentes no evento. As pistas de contextualização não determinam o significado, e sim limitam a interpretação, destacando alguns aspectos do conhecimento de mundo e minimizando outros. Ou seja, existem, na interação, significados "latentes", que não estão em destaque, mas estão presentes. O conflito sobre qual dos significados deve ser colocado em relevo é o que está na base da negociação a respeito da atividade em foco.

Cabe destacar os limites com os quais a sociointeracional se depara diante deste programa teórico. De forma semelhante à semântica e à pragmática, a sociointeracional não estabeleceu claramente a relação entre informação lingüística e contextual. Conseqüência disto é o fato de as análises nem sempre deixarem claro como texto e contexto interagem para detonar as inferências comunicativas.

Gostaríamos de enfatizar, contudo, que o programa teórico da sociolingüística interacional, a partir da categoria enquadre, fornece elementos estruturais para a construção de uma teoria do contexto. Esta estaria baseada em aspectos socioculturais, como a definição social do evento, o papel social dos falantes e a postura dos mesmos diante do que está sendo dito. Assim, os estudos de Bateson, Goffman e Gumperz indicam pistas para a investigação da relação entre língua e contexto, pois as inferências dos falantes a respeito dos enunciados estão referenciadas nestes elementos contextuais.

Neste sentido, esta tradição de estudos vem investigando os elementos estruturais que identificam o contexto: sinais não-verbais e verbais, tais como a prosódia, o *code switching*, o silêncio, as expressões formulaicas, as rotinas discursivas, a escolha lexical, a estrutura sintática. Assim, a língua é, nesta tradição de estudos, resultado de inferências contextuais, mas também cria contexto.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo traçar, na trajetória de constituição da ciência lingüística, a busca de constituir campos científicos de investigação do significado, considerando nesta trajetória as tradições da semântica, da pragmática, e da análise interacional do discurso.

Em nossa análise, observamos como a primeira excluiu de seu campo de interesses o estudo do "texto" e do "contexto", centrando-se na análise de fenômenos sentenciais baseados no significado lexical dos componentes das proposições. Apontamos ainda que a pragmática, apesar da consideração dos conceitos de "texto" e "contexto", não elaborou uma teoria da relação entre ambos, não estabelecendo, assim, categorias estruturais que permitam analisar as inferências produzidas pelos falantes em interações concretas.

Tais limites nos levaram, em nossa análise, a considerar uma das tradições socioantropológicas de análise do discurso: a sociolinguística interacional. Esta, a partir do conceito de enquadre - esquemas sociocognitivos que servem de referência para a interpretação dos enunciados - vem-se dedicando a desenvolver uma teoria do contexto e sua relação com o sistema linguístico. Apesar deste programa teórico, a sociointeracional vem-se deparando com os mesmos problemas da semântica e da pragmática: a dificuldade de distinguir significado literal e contextual e de descrever a relação entre ambos.

Gostaríamos de destacar, por fim, que a investigação da relação entre significado linguístico e contextual implementada pela sociointeracional pode contribuir na constituição de uma teoria do significado.

A discussão da relação entre texto e contexto em situações de interação concretas pode fornecer elementos para enriquecer as discussões a respeito de pontos focais dos estudos semântico-pragmáticos, como, por exemplo, a ambigüidade. Esta tem sido até hoje tratada como fenômeno meramente sentencial ou dependente exclusivamente da 'intenção' do falante. A ambigüidade pode ser tratada, nas fronteiras de uma abordagem interacional, como um fenômeno inerente às negociações verbais: como um conflito de enquadres que se realiza linguisticamente.

Para tal, é necessário considerar a língua não somente como um código ou um instrumento de inferências, cuja principal função é comunicar, como o fazem as teorias semânticas e pragmáticas. É preciso considerar também a língua como ação, como palco de conflitos e mal-entendidos propositais. Nossa suposição é que tal consideração pode ampliar as teorias a respeito do significado linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALWOOD, J. (1980) On the distinction between semantics and pragmatics. In: KLEIN, W. e LEVELT, W. (eds.) *Crossing the boundaries in linguistics*. Reidel Publishing Company.
- BATESON, G. (1972) A theory of play and fantasy. In: ———. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballentine.
- DASCAL, M. (1980) *Fundamentos metodológicos da lingüística: pragmática*. São Paulo, ed. do autor.
- . (1987) Defending literal meaning. *Cognitive Science*. 11, 259-281.
- FIGUEROA, Esther. (1984) *Sociolinguistic metatheory*. Pergamon Press.
- GODDARD, C. (1998) *Semantic analysis: a practical introduction*. New York: Oxford University Press.
- GOFFMAN, E. (1974) *Frame analysis*. New York: Harper & Row.
- . (1981) Footing. In: ———. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- GRICE, H. P. (1980) Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da lingüística: pragmática*. São Paulo, ed. do autor.
- GUMPERZ, J. (1982) *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LEVINSON, S. (1983) *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- . (1981) *Language, meaning and context*. Fontana Paperback.
- MARQUES, M. H. D. (1990) *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SEARLE, J. (1969) *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- . (1995) *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes (Original: (1979). *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press).
- SCHIFFRIN, D. (1994) ———. *Approaches to Discourse*. Massachusetts: Blackwell Publishers.